

Uma história cultural do Recife: 1946-1964

TEIXEIRA, Flávio Weinstein.
*O Movimento e a Linha: Presença do Teatro de
Estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946-1964)*.
Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

Resenhado por Antonio Torres Montenegro*

O professor Flávio Weinstein Teixeira, do Departamento de História da UFPE, teve finalmente publicada em livro sua tese de doutorado (defendida na UFRJ sob orientação da Profa. Marieta de Moraes Ferreira). Esta é uma realização da Editora Universitária da UFPE, que passou a fazer parcerias com os programas de Pós-Graduação e os autores, no sentido de viabilizar a publicação de teses que alcançaram níveis de excelência, mas que muitas vezes não despertam interesse das editoras comerciais.

Esta tese cumpre de maneira magistral seu papel de trazer para a sociedade uma história que lenta e silenciosamente iria se perder no esquecimento, sobretudo com a morte gradual de seus mais importantes protagonistas.

Flávio Teixeira oferece ao leitor, antes de tudo, um trabalho escrito com clareza e estilo, que prende a atenção e muitas vezes provoca uma enorme curiosidade sobre os desdobramentos que o movimento teatral e gráfico teve na vida das pessoas que lideraram essa atividade em Pernambuco nas décadas de 1940 a 1960. É uma história cultural, uma história intelectual, mas sem dúvida uma história social e também política do

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco.

Recife, de Pernambuco, do Brasil. Afinal, esses dois grupos (Teatro de Estudantes de Pernambuco e o Gráfico Amador) tiveram um papel intelectual da maior importância para a cidade, atuando na área da criação artística, do ensino e do jornalismo. No entanto, após o golpe civil-militar de 1964, uma parcela significativa teve de migrar principalmente para o Rio de Janeiro e para São Paulo, pois a censura e o clima repressivo que iriam se instalar dificultariam enormemente as atividades intelectuais. Este é o desfecho da tese, que não tem como objetivo estudar o impacto e as repercussões do golpe civil-militar de 1964 na vida desta sociedade, mas o de analisar a influência, o papel formador e dinamizador do TEP e do Gráfico Amador no universo cultural e social do Recife no período de 1946 a 1964. Até poder-se-ia afirmar que, ao não avançar na análise da relação entre a cultura e os impactos do golpe de 1964, o autor instiga nossa imaginação para num exercício muito próprio, imaginar como o mundo das idéias, das cores, dos sons são incompatíveis, ou talvez, infinitamente empobrecidos, quando não há liberdade.

O autor, ou mais propriamente o historiador Flávio Teixeira, cumpre neste seu livro o ritual do pesquisador de muitos fôlegos. O trabalho com as fontes, quer em razão da sua diversidade (obras literárias, artigos em revistas, artigos em jornais, catálogos e um incansável trabalho de entrevistas), quer pela forma como as analisa e as transforma em um imenso caudal de informações, acontecimentos, lembranças em narrativa historiográfica, revela ao leitor que está diante de um historiador de ofício. Pois na sua escrita, a pesquisa documental estabelece um contraponto com a historiografia sobre o período e sobre o tema em foco (a história cultural do Recife) e projeta um debate teórico sobre o campo da cultura e da produção de bens simbólicos, que é exigido de todo historiador que deseja ir além do mero narrar os fatos.

Ao pesquisar acerca do grupo que funda o TEP (Teatro do Estudante de Pernambuco – 1946 – 1952) e o Gráfico Amador (1954 – 1961), entre outros possíveis grupos de intelectuais e artistas plásticos que atuavam nesse período, revela três fatores que favoreceram a escolha: a) as mesmas pessoas praticamente faziam parte dos dois grupos, pois dos quatro membros fundadores do Gráfico Amador – Orlando da Costa Ferreira, Gastão de Holanda, Aloísio Magalhães e José Laurenio de Melo –, apenas o primeiro não havia participado do TEP; b) por meio da história dos dois grupos temos também a história social e política que vem desde

o fim do Estado Novo e se estende até o advento do regime militar de 1964; c) os objetivos e as propostas que de certa forma nortearam a constituição do grupo de teatro e mais tarde a atividade gráfica a que estes iriam se dedicar, possibilitam uma análise e uma compreensão mais abrangente do que se fazia em termos culturais tanto no nível da cidade como de outros centros urbanos.

Ao ler a história dos caminhos percorridos pelo Teatro de Estudantes de Pernambuco descobre-se inicialmente a importância que em uma certa época teve a reunião de amigos (ou simpatizantes com a proposta) para o desenvolvimento de determinadas atividades culturais, que hoje, estão muito mais institucionalizadas em Universidades, Escolas e grupos autônomos. O grupo inicial do TEP era formado por Joel Pontes, José Laurenio de Melo, Gastão de Holanda, Aloísio Magalhães, Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho. Ao narrar a atividade do grupo teatral, Flávio não se furta de traçar também uma breve biografia desses intelectuais, trazendo à tona seus embates culturais e também políticos. Na análise que faz, por exemplo, da atuação no grupo do escritor, teatrólogo e jornalista Hermilo Borba Filho, aponta como este, grande conhecedor da cultura das feiras e das manifestações das camadas populares rurais e urbanas, irá em alguns momentos nas suas peças narrar os dramas da região transfigurada numa dramaturgia renovadora. Ao mesmo tempo, torna-se mais uma vez muito significativo perceber como certos intelectuais reagem à instrumentalização política da sua arte, num período profundamente marcado pela disputa entre esquerda e direita, como seria a década de 1960. E, nesse sentido, Hermilo Borba acabaria “fazendo eco a alguns dos setores mais reacionários da política local” ao combater o uso, que julgava espúrio, do teatro.

Já o Gráfico Amador, que se poderia afirmar como a outra atividade que uma grande parte do grupo do TEP veio a desenvolver, não foi algo isolado que ocorreu em Recife. Flávio Teixeira constata que estes “foram anos que, em diversas localidades do país, presenciou-se ao surgimento de grupos, ou mesmo de indivíduos isolados, dedicados à impressão não industrial/comercial” (p. 211). Para o autor, dois fatores podem ser de alguma forma associados a esse movimento semi-amador, semi-artesanal de produção gráfica “alternativa”: o primeiro é que após as artes gráficas no Brasil se firmarem após 1930, estas apresentam um acabamento gráfico considerado de qualidade inferior; o segundo fator pode

ser relacionado à vontade de alguns jovens autores em se verem publicados. E sua análise encontra ressonância na pesquisa desenvolvida por Gisela Creni que aponta outras iniciativas semelhantes ao do Gráfico Amador, como a dos poetas Geir Campos e Thiago de Mello, com a Edições Hipocampo, em Niterói (1951-1953); a do poeta e artista plástico catalão, radicado no Rio, Manuel Segalá, com a Philobiblion (1954-1957); a do professor Pedro Moacir Maia, com suas edições Dinamene, em Salvador (1951-1979); e a do poeta Cleber Teixeira, com a Editora Noa Noa, em Florionópolis (1965-1995).

A filosofia, os objetivos ou simplesmente o espírito que marcou as atividades do Gráfico Amador não ficaram registrados em nenhum livro de atas da fundação grupo, nem em algum manifesto de circulação interna ou mesmo na imprensa. No entanto, Flávio Teixeira contou em seu ofício de historiador com um parceiro exemplar, José Laurenio de Melo. Para dizer a importância desse memorialista e de sua mulher Ana Canen, transcreverei seu próprio texto na introdução do livro:

Por fim, cabe um registro que faço, simultaneamente, com prazer mas também com dor, muita dor. O prazer de poder dizer da extraordinária surpresa que foi encontrar, conhecer e me tornar amigo do casal José Laurenio de Melo/Ana Canen. Foram eles que se tornaram meus mais importantes e decisivos informantes. Dias inteiros, seguidas vezes, passei na companhia deles, em seu apartamento de Santa Teresa, acolhido com toda a ternura e atenção que, de ordinário, se reserva aos entes queridos, gravando entrevistas, consultando suas anotações, seus textos, livros, revistas, conversando sobre um Recife de 40, 50, 60 anos atrás. Qualquer trabalho que eu viesse a realizar seria radicalmente diferente – e infinitamente mais pobre – não fosse a colaboração desse casal.

De outra parte, não obstante eu tenha tido a grata oportunidade de entrar em contato e conhecer um sem-número de artistas e intelectuais ao longo da trajetória que percorri a fim de dar conta deste trabalho, nenhum, contudo, impressionou-me mais que José Laurenio. Ele foi um homem raro. De uma inteligência aguda, fina, abrangente, mas, sobretudo, elegante. Uma inteligência serena, tranqüila, que não sucumbia às muitas armadilhas da arrogância

ou do esnobismo; que, inversamente, sabia ser de uma nobreza sem par.

Sua morte instaurou o vazio de uma tristeza profunda onde antes existiu a surpresa e a alegria de um encontro. Gostaria que a publicação deste livro fosse vista como uma homenagem que presto a sua memória. (p. 8-9)

De certa forma, é em razão de termos hoje no Brasil um nível de excelência no que tange ao debate teórico acerca da memória, que Flávio Weinstein Teixeira, assistido por sua orientadora, a Profa. Marieta de Moraes Ferreira, pode com tanta tranqüilidade ter como parceiro e como fonte documental um memorialista que foi também um dos personagens centrais dessa história cultural, narrada em diversos planos. Pois não se pode deixar de registrar que esta é uma história em que a tensão entre o plano mais geral (mundial) da produção artística cultural é estudada na perspectiva da ressonância que produz tanto no nível geral do País, como no da cidade do Recife, porém, ao mesmo tempo, sem deixar que em nenhum instante um desses níveis – mundial, nacional ou local – reduza ou determine a compreensão do outro. Pelo contrário, há uma constante busca e atenção em entender como ocorrem as apropriações locais tanto da produção cultural mundial, como nacional, indo também em busca de como determinadas produções locais são apropriadas e reproduzidas em outros centros.

Dessa forma, *O Movimento e a Linha* constitui-se em uma rica contribuição à história cultural e social de um período da história do Recife e do Brasil, mas, certamente, também oferecerá ricas reflexões metodológicas aos novos historiadores que se pretendem lançar na trilha da história da cultura, história de grupos de intelectuais e artistas.